OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte..	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem.. ...	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro e India	5$000	2$500	-$-	-$-

31.º Anno — XXXI Volume — N.º 1050

29 de Fevereiro de 1908

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

O Jubileu Literario de Theophilo Braga

Vide Chronica Occidental

THEOPHILO BRAGA, NA SESSÃO CELEBRADA EM SUA HONRA, NA ASSOCIAÇÃO DOS PROFESSORES DE ENSINO LIVRE, EM 24 DO CORRENTE

CHRONICA OCCIDENTAL

Alguns homens intelligentes, dados ao estudo, e patriotas, celebraram agora as bodas de ouro de Theophilo Braga na litteratura portuguêsa. Organisou-se uma pequena romaria á casa onde vive o sabio, na Travessa de Santa Gertrudes, realisou se uma sessão commemorativa na Associação dos Professores de Ensino Livre e uma outra na Academia de Sciencias de Portugal, e deu-se á publicidade um livro composto de versões hespanholas, italianas, francêsas, allemãs e suecas da *Visão dos Tempos.*

Promoveram, estimularam e concorreram a este preito de estima publica umas tresentas a quatrocentas pessoas, ao todo. E ainda os seus iniciadores têm a franqueza de dizer que nunca esperaram tanto.

Theophilo Braga conta hoje sessenta e cinco annos de idade. Tinha quinze quando publicou as *Folhas Verdes*, que foram o seu primeiro livro. Desde então até hoje, toda a sua existencia tem sido de porfiado trabalho.

Todos os seus biografos e todos os criticos da sua obra têm dito como para elle o mundo das coisas e dos homens não é mais que o regulador necessario das funções do espirito, e como é só no mundo das idéas que elle vive, se concentra, tem adstrictos os seus interesses. Trata-se de um homem de sciencia, unicamente de um homem de sciencia que prosegue a verdade sem descanço nem desfallecimento, descobrindo leis, formulando hipotheses, construindo sintheses, acumulando productos de todas as possiveis actividades mentaes, erudito e filosofo, investigador e critico, poeta e propagandista.

Alta e luminosa, desprendida da miseravel condição humana, a sua vida é a vida do seu espirito. Subjectivamente movimentada e cheia de acidentes, é, todavia, nos seus aspectos exteriores uniforme, quasi monotona; o seu drama, todo intimo, passa se dentro do seu cerebro.

Dizer que a obra de Theophilo Braga é gigantesca não diz o que ella seja

Nos vastos dominios da adjectivação não ha qualificativo que lhe baste; é necessario recorrer aos quantitativos. Poeta, Theophilo tem cantado a epopéa humana em quarenta mil versos; critico, tem escripto a historia da litteratura portuguêsa em trinta e dois volumes.

Theophilo professor, como Theophilo tribuno, fala, como escreve, a mesma linguagem serena e sóbria. Preleção ou discurso, o que elle diz mantem-se sempre no mesmo tom de conversa, de egualdade e fraternidade, que é o incomparavel condão com que prende o embevecimento de quem o ouve á corrente das suas idéas. E em cada uma das suas lições, como em cada um dos seus discursos, ha de haver sempre um incentivo ao bem, um apêlo ao espirito e ao coração, em favor da humanidade e da justiça.

Elle appareceu com uma geração litteraria que foi, por mal d'ella, uma geração de dispersos. Cada um debandava para seu lado, como conta Ramalho, com uma resma de papel e um frasco de tinta por bagagem, e tratava sob sua responsabilidade pessoal de reformar o mundo, organisando uma religião, uma filosofia, uma esthetica, uma pedagogia, uma politica, uma arte, — todo um sistema social, em que cada um era ao mesmo tempo o unico redemptor e o unico remido.

Os grupos belligerantes pertenciam á categoria d'aquelles que a auctoridade constituida nem mesmo com suspensão de garantias se occupa em dissolver, porque elles eram dos que não constam de mais de um agitador.

Anthero, Oliveira Martins, Theophilo, Queiroz, João de Deus, Junqueiro, Julio Machado, Julio Diniz, Guilherme de Azevedo, Thomaz Ribeiro, Batalha Reis, foram tão unidos por analogia de interesse intellectual como são unidos por analogia de fórma os ovos e os espetos.

Cada um tinha a sua concepção especial do universo, do homem, da sociedade. Na poesia, na historia, no romance, no folhetim, na controversia politica, na critica litteraria, na critica d'arte, na critica das instituições e dos costumes, eram tantas as seitas quantos os escriptores, e tinhamos de tudo: hegelianos, kantistas, positivistas, socialistas, individualistas, psychologistas, exterioristas, pessimistas, sensualistas, feministas, naturalistas, etc.

Com tal diversidade de idéaes, de sentimentos, de aspirações e de estilos correlativos, era naturalmente incompativel o elogio mutuo — sábia e benefica instituição, tendo por fim favorecer pelo louvor os litteratos e pôr fóra da praça a ponta-

THEOPHILO BRAGA, DISCURSANDO
(Instantaneos do sr. Alberto Lima, objectiva Gaerz)

pés os que o não eram; e bem conhecida é a historia da lucta iniciada então por Anthero e Theophilo contra a litteratura de que Antonio Feliciano de Castilho foi o derradeiro representante digno de ser discutido. Os dois escriptores altivamente pozeram em contraste as aspirações litterarias d'essa geração que vinha surgindo e os moribundos ideaes da que se afundava. Algumas frases irreverentes e asperas dirigidas a Castilho atraíram sobre Theophilo os odios de duas terças partes da população portuguêsa, incendiando todas as coleras e cimentando todas as difamações. Só muitos annos decorridos poderam fazer esmorecer os desastrosos effeitos da reputação que lhe haviam creado.

Quanta verdade ha naquella comparação, que da vida de Theophilo faz um dos seus biografos com a vida do semeador, que dia a dia, com o cantar dos galos e das cotovias, sacode o somno, enfia a sacóla, e com o mesmo gesto largo e rithmico, atira á terra, atira ao vento, a semente fecunda das idéas que o seu espirito tirou dos livros, sugando os como as abelhas sugam as flôres, ou tirou de si mesmo, nas convulsões da imaginação creadora! Quanto mais o solo maninho lhe furta as entranhas, mais o semeador se obstina em abri-las ao divino espasmo da creação. Com pulso firme e fé indomavel, empunha a rabiça do arado, a enxada do cavador, o machado do matteiro; rasga, revolve, aduba, amansa; e, no anno seguinte, pela mesma epoca, com o cantar dos galos e das cotovias, o rude semeador sacóde o somno, enfia a sacóla, e com o mesmo gesto largo e rithmico atira á terra, atira ao vento, a semente fecunda das idéas...

Nenhum outro homem em Portugal se mede, como Theophilo, com as grandezas do seu tempo, d'este tempo que é, sobretudo, de critica e de analise. Tudo se investiga, tudo se observa, tudo se calcula, tudo se explica Hoje um sabio, na frase de Junqueiro, decompõe um deus dentro de uma retorta, em todas as suas origens, tal e qual como uma amostra de minerio em todos os seus elementos. Raças ignoradas, cidades extinctas, povos desconhecidos, que dormiam ha milhares ou milhões de annos debaixo de um sudario impenetravel de cinza ou de granito, são um bello dia desenterrados e, peça a peça, mathematicamente, reconstituidos. Dá-se um grande balanço á humanidade como á natureza; o nosso seculo faz o inventario da civilisação, e Theophilo é um dos eminentes sabios inventariantes.

Dirigindo-se sempre á razão de quem o escuta ou lê, evitando sempre a facil empreza de agitar emoções politicas, elle tem sido ainda, dentro do ideal republicano, o propagandista prestigioso cuja função não é a de provocar a revolta na praça, mas a de fazer a revolução nos espiritos.

Numa sociedade como é a nossa, não ha melhores cidadãos do que aquelles que, á semelhança d'elles pela lição e pelo exemplo, apontam o caminho do bem da patria; não ha melhores patriotas do que aquelles que sabem lançar na torrente do egoismo o dique dos altos ideaes e dos grandes destinos. Assim Theophilo tem prestado ainda á patria portuguêsa serviços que se não pezam e se não medem.

Desditosamente, Theophilo Braga, que representa uma das grandes forças da nossa nacionalidade, escapa por muito á compreensão popular na sua alta significação como elemento de cultura e progresso.

Mas um dia virá, e talvez não longe, em que elle hade ser em Portugal o inspirador das mais vastas reformas, o instituidor dos mais fecundos trabalhos; e nesse dia o povo, que tem a noção instintiva da justiça, o glorificará devéras.

João Prudencio.

A SAGRAÇÃO DE DOIS BISPOS

No dia 26 de janeiro ultimo, na vila do Sardoal, foi celebrada, com grande imponencia a sagração do novo bispo de Martinopoles, coadjutor do bispo de Vizeu, D. Antonio Alves Ferreira.

A ceremonia teve logar na egreja paroquial da vila, que para esse fim foi ricamente ornamentada, e constituiu um dia de verdadeira festa para aquelle povo, que se sentiu orgulhoso pela elevação a um dos mais altos cargos da Egreja, de um seu conterraneo, pois o novo prelado nasceu na vila do Sardoal.

Quando terminou a ceremonia religiosa, o povo acompanhou a casa o novo bispo, victoriando-o, e á noite houve iluminações com cantares e dansas populares.

Na residencia do digno prelado houve um lauto banquete a que assistiram os numerosos amigos de sua Ex.ª Rev.ma e em que se contavam as pessoas mais qualificadas da vila e grande numero de sacerdotes.

De tudo é merecedor o Rev.do Bispo D. Antonio Alves Ferreira, que por seus talentos e virtudes houve de ser escolhido para aquela elevada dignidade da Egreja Luzitana.

O novo prelado vae cuadjuvar o Rev.do Bispo de Vizeu, a quem sua avançada edade e achaques não permite atender a todos os encargos da diocese, de que será o futuro antistite.

* * *

No domingo 2 do corrente foi tambem celebrada na cidade do Porto, a sagração do novo Bispo de Beja, D. Sebastião Leite de Vasconcellos, o benemerito fundador das Oficinas de S. José, no Porto, util e altamente moralisadora institui ção a que o virtuoso sacerdote tem dedicado o melhor da sua vida, com entranhado amor de caridade e abnegação.

Nas Oficinas de S. José principiou a festa que precedeu a sagração que se realisou na Sé Catedral. Os educandos daquellas oficinas destribuiram, pelas 7 horas da manhan, um bodo a 32 pobres, resando se em seguida uma missa na capéla, celebrada pelo Rev.do Reis Lima, actual diretor daquella casa de educação, a que assistiram o novo Bispo e todos os educandos, que depois prestaram suas homenagens a seu antigo e prestigioso diretor.

Acabada esta primeira solemnidade se dirigio o novo prelado para o palacio episcopal, donde, pelas 11 horas, saiu então o cortejo que se dirigiu para a Sé, onde teve logar a sagração com grande solemnidade, encontrando-se o majestoso templo ricamente ornamentado segundo a liturgia, e com numerosa assistencia de convidados e povo.

Foi sagrante o Rev.do Bispo do Porto D. Antonio Barroso e assistentes os Rev.os Bispo Conde e Bispo de Bragança, D. José Mariz, com a assistencia de todo o cabido, principiando a ceremonia pelo juramento do novo Bispo de Beja, a que se seguiu a missa com todo o ceremonial, terminando por o novo prelado, paramentado de mitra e baculo, percorrer prossicionalmente o templo, abençoando o povo.

O cortejo retirou da Sé para o paço episcopal onde o Rev.º D. Sebastião Leite de Vasconcellos recebeu os cumprimentos das numerosas pessoas convidadas para assistirem áquelle acto.

O desvelado fundador das Oficinas de S. José em Portugal, teve, emfim, o premio de suas virtudes, sendo-lhe confiada a direção superior de uma diocese, em que seguramente vae continuar sua missão de verdadeiro ministo do Senhor, na pratica da caridade e de amor pelo rebanho que é chamado a pastorear.

Prisão de um mendigo

Baixo-relevo por José de Oliveira Ferreira

Estamos em presensa de uma verdadeira obra de arte, e contudo é ella como que as primicias de um discipulo do eminente esculptor Teixeira Lopes, que se apresenta já como artista consumado, no levantado vôo que desprende, na prova do seu concurso de esculptura da Escola de Bellas Artes do Porto.

O sr. José de Oliveira Ferreira, assim se chama o distinto alumno autor do baixo relevo *Prisão de um Mendigo*, e de que já nos ocupámos nestas paginas, em 1906, publicando uma prova do seu concurso de então (1), veiu agora com este novo trabalho confirmar o que fôra previsto em suas anteriores obras, que nos davam a luminosa esperança de um artista de raça sob a moderna orientação da arte.

A este respeito encontramos na revista *A Arte*, um bello artigo do sr. Guedes de Oliveira, do qual extraímos os seguintes periodos com que plenamente concordamos;

«Certo que na obra do mestre de ámanhã está impressa a influencia magnifica do mestre de hoje; mas essa influencia tanto nobilita aquelle que ensinou como aquelle que aprendeu. Os mestres dizem-nos aquillo que devemos fazer e como. O resto é comnosco, — e com José de Oliveira Ferreira foi o que se vê. Enveredou-o Teixeira Lopes por caminho errado? Vejamos em primeiro logar: o que é, em arte, o verdadeiro caminho? E em segundo: o que é arte?

«N'uma boa centena de volumes que possuo, todos profundos, e trasbordando a verdadeira, decisiva palavra, eu encontro tantas definições d'arte que se me fosse preciso enumeral-as preferiria mil vezes contar peça por peça a biblica floresta capilar de Daudet, que Deus haja. Os allemães, — diz Tolstoi no seu demolidor *Qu'est ceque l'art?* — definem a arte a seu modo, de mil maneiras differentes. A escola fisiologica, a dos inglezes Spencer. Grant Allen e outros, igualmente a definem a seu sabor. Outro tanto succede aos ecleticos francezes, a Taine, a Guyau e aos successores, — e depois de tudo reconhecem todos estes escriptores que foram insufficientes as definições precedentemente dadas por Baumgarten, Kant, Schiller, Fichte, Lessing, Winckelmann, Hegel, Schopenhauer, Hartman e tantos outros.

«Entretanto, no meio de uma tão larga contribuição de criticos, uma concordancia parece capitalisar-se: só a natureza é a grande inspiradora da arte. — A natureza dilúe a belleza; a arte concentra-a, diz Taine. — O que é a arte senão o aformoseamento da natureza? pergunta e responde Bossuet. — A arte está para a natureza como uma bella estatua está para um bello homem, affirma o barão Grimm. — Os maiores esforços da arte são sempre uma contrafacção da natureza, escreve a penna mil vezes illustre de Balzac. Desiré Nisard completa este pensamento, quando diz: O ultimo esforço da arte consiste em confundir-se com a natureza. E emfim, pela palavra divina de Queiroz, o proprio Fradique Mendes proclama por seu turno — que a arte é um resumo da natureza feito pela imaginação.

«N'estes termos, e a julgar pela obra, o mestre arredando carinhosa e criteriosamente o discipulo da tradição, do logar commum, da regra e da rotina, igualmente o desviou das abstracções que conduzem á contrafacção da arte, aos rebuscamentos de uma originalidade postiça, e ao esforço estéril de um intellectualismo negativo. Apontou-lhe o immenso espectaculo da vida e disse-lhe: Observa! Só a realidade commove.

«A missão de um esculptor não consiste sómente em escancarar a nudez de uma Venus profissional, de cinco francos á hora, mobilar-lhe as mãos com um espelho de cabo ou uma balança de botica, reproduzir-lhe a fórma nem sempre esculptural, e chamar no marmore ou no bronze *Verdade* ou *Justiça* ao que na carne e no osso foi muitas vezes só miseria, impudor, lama, degradação.

«Já lá vai o tempo do convencionalismo e da fórmula. A arte moderna vence porque é livre, inspirada na vida livre, que o mesmo é dizer fundada na natureza e na verdade. Reproduzir em pedra um brutamontes de cócoras na attitude caricatural de quem devora a propria mão com que se benze, e chamar-lhe *Pensador*, é tão profundamente ridiculo como suppôr que para retratar um homem de genio é preciso soprar-lhe o craneo até ás proporções de uma hidrocefalia. Porque a verdade é que tão convencional é a arte que rebusca o ineditismo na mistificação das subtilezas psiquicas e n'uma supposta visão inaccessivel ao entendimento do mortal commum, como o classico recurso á indigesta batelada episodica d'essa marmita immensa que é a Biblia Sagrada.

«Esse errado caminho não o consentiu nunca Teixeira Lopes, a despeito dos repelões da rotina impenitente, e da insolencia petulante do charlatanismo innovador. D'ahi o exito do seu curso, documentado de um módo tão brilhante e tão alto no concurso e na obra de um rapaz que lhe saiu da escola inteiramente habilitado — a dar-lhe agua pela barba!»

De facto, as provas apresentadas pelos discipulos de Teixeira Lopes, justificam cabalmente a orientação do mestre.

O baixo relevo que apresentamos a nossos leitores, em reproducção na magnifica fotogravura, que muito amavelmente nos foi oferecida por seu autor o sr. Marques Abreu distinto gravador zincografo, diretor da esplendida revista *A Arte*, é mais um testemunho da boa escola do mestre, e de quanto póde produzir o talento dos discipulos, livre dos velhos convencionalismos para só se inspirar na verdade da vida real.

(1) Vide Occidente, 29.º vol., pag. 37.

Consultorio Odontologico Modelo

Inaugurou-se em Lisboa, na rua Aurea, 87, 2.º andar, no dia 2 de dezembro ultimo um consultorio Odontologico, que se póde considerar modelo no genero, o primeiro que se estabelece na capital tão completo, dotado de todos os apparelhos e instrumentos mais modernos inventados e aconselhados pela ciencia.

Este grande melhoramento, que marca notavel progresso na nossa capital, deve-se aos srs. Teixeira Coelho e Gomes da Costa dois distintos clinicos de doenças da bôca e dos dentes, diplomados no estrangeiro como medicos cirurgiões dentistas, e que nos recursos do seu saber encontram soluções para os mais intrincados problemas da ciencia odontologica, pelo que constitue um bom serviço publico, prestado aos que sofrem, a inauguração do consultorio a que nos estamos referindo.

O consultorio dos srs. Teixeira Coelho e Gomes Costa, reune tambem um excelente laboratorio e gabinete de prosthese munido de tudo o que de mais moderno ha hoje na especialidade, adquirido nos centros mais adeantados da Europa e da America onde esta ciencia tem realisado os maiores progressos, e que os distintos clinicos visitaram e onde estudaram.

Com um estabelecimento desta ordem, Lisboa põe-se a par das cidades mais cultas, e estamos certos de que o publico saberá compensar com o seu bom acolhimento, os proprietarios deste consultorio que são dignos de todo o louvor.

As gravuras que hoje apresentamos deste estabelecimento a nossos leitores, representam a sala de consultas, onde o publico encontra todas as comodidades e luxo que póde desejar, e a sala de operações e o laboratorio gabinete de prosthese, que são modelos no genero.

Nós folgamos de poder registar nestas columnas mais este notavel progresso da nossa capital devido á iniciativa particular.

CHAUCER

O conto do fidalgo da aldeia

(Concluido do n.º 1048)

Não se teem matado muitas nobres esposas e muitas donzellas antes de mim, do que ceder com o seu corpo? Assim se queixava Dorigena um dia ou dois, sempre resolvida a morrer, mas á terceira noite veiu para casa Avirago, o digno cavalleiro, e perguntou lhe porque chorava tão amargamente e ella então começou a chorar ainda mais.

«Infeliz foi o dia em que nasci, disse ella, assim tenho dito, assim tenho jurado» e contou-lhe tudo, como já ouviram e não ha necessidade de repetir. Este marido com rosto alegre e boas maneiras respondeu e disse como eu vos aconselharia.

«Então não é mais do que isso, Dorigena?

«Não, não, disse ella, Deus lê em mim e me guia, e a sua vontade foi esta.»

«Sim, mulher, deixa que esse somno seja tranquillo, póde ser que por acaso hoje sustentes a verdade segundo creio, porque Deus teve tanta clemencia para comigo que antes quizera ser preso por causa do amor que tenho, contanto que sustentes a verdade. A verdade é a mais alta cousa que o homem póde guardar. E com isto começou a chorar e disse: «Sob pena de morte te prohibo fallares a alguem d'esta aventura, emquanto tiveres vida ou halito; e eu supportarei a minha dôr como melhor puder. Não mostres pesar no rosto, para que os outros não julguem ou supponham qualquer mal em ti.»

Chamou um escudeiro, uma creada e disse-lhes: «ide, e levae-a a tal logar já.» Elles despediram-se e lá vão, sem elles saber para onde ella ia nem porque, para que não o dissessem a ninguem. Este escudeiro que se chamava Aurelio, o que amava Dorigena, por acaso a encontrou na cidade, na proxima rua, quando ella tinha em mente ir em direcção ao jardim, onde ella tinha dado a sua promessa.

E elle tambem foi em direcção ao jardim. Porque elle observava a todas as vezes que ella sahia de casa para ir a algum logar e por acaso se encontraram ali, elle cumprimentou-a com alegre intento e pergunta-lhe onde vae e ella respondeu com se estivesse meia louca:

«Ao jardim, como meu marido mandou, ah! para ali sustentar a verdade.»

Aurelio começou a admirar-se d'este caso, e em seu coração tinha grande compaixão d'ella e dos seus lamentos, e de Avirago, o digno cavalleiro, que lhe mandára cumprir tudo o que ella prometera, tanto lhe repugnava que sua esposa faltasse ao promettido.

E dentro do seu coração tinha d'isto grande arrependimento, considerando que era melhor desistir do seu desejo, do que causar uma tão indigna vergonha a quem tinha sido tão franco e sincero e então disse com taes palavras:

«Senhora, diga ao seu senhor Avirago, que vejo a sua grande gentileza para comigo, e, desde que vejo tambem a vossa grande desgraça, desde que prefere a vergonha á falta de palavra (e d'isto arrepender-me-ia) antes quero soffrer dôr do que apartar o amor que ha entre vós ambos. Por isso, senhora, eu vos allivio, por toda a vida, de todo o compromisso, e garantia que me haveis dado.

Aqui tendes a verdade, nunca vos censurarei por qualquer promessa, e agora me despeço, como da mulher mais leal que conheci em toda a minha vida. Mas que todas as esposas se acautelem das suas promessas, lembrando-se ao menos de Dorigena.

Assim um escudeiro póde praticar uma boa acção como qualquer cavalleiro.

Ella agradece-lhe de joelhos por terra e volta para casa de seu marido, e contou-lhe como me tendes ouvido dizer e ficae certos, elle ficou tão satisfeito como eu mal poderia dizer.

Para que heide fallar mais d'este caso? Avirago e Dorigena levaram uma vida feliz e nunca mais houve zangas entre elles. Elle amava-a como se fosse uma rainha, e ella foi lhe sempre leal e d'estas duas pessoas não ouvireis mais. Aurelio que abandonou todos os seus haveres, amaldiçoava o dia em que nascera e dizia:

«Ah! o que eu prometti! De puro ouro o peso de cem libras áquelle philosopho e que farei agora? Agora vejo que estou arruinado. Necessito vender a minha herança e mendigar; não posso viver aqui, para servir de vergonha a meus paes, a não ser que d'elles obtenha melhor graça; mas realmente tentarei em certos dias e annos pagar-lhe e agradecer-lhe, como me tratam; direi a verdade e não mentirei.»

Com pesar no coração vae ao seu cofre e leva o dinheiro ao philosopho, o valor de quinhentas libras, se bem parece e supplica da sua bondade conceder-lhe dias para pagar o resto e disse:

«Senhor, eu posso gabar-me de nunca ter faltado até hoje á verdade; e certamente a minha divida será paga para comvosco, ainda que me aconteça ir mendigar em camisa. Mas se me conceder esperar dois annos ou tres, então eu ficaria bem, aliás tenho de vender a minha herança, não ha que vêr.»

Este philosopho respondeu em poucas palavras quando ouviu estas:

«Não fizemos contracto entre nós?»

«Sim, certamente, disse elle, e bem feito que elle foi.»

«E não obtiveste a tua senhora que te apraz?»

Não, não, respondeu elle, suspirando.

«Qual foi a causa, diz me cá, se pódes.» Aurelio começou outra vez a historia e contou-lhe tudo como já ouviram e não é necessario repetir. Apenas concluiu:

«Avirago, pela sua bondade, antes queria morrer na miseria e na tristeza que sua mulher fosse falsa á verdade. Contou-lhe toda a tristeza de Dorigena, quanto lhe repugnava ver uma má esposa e que antes quizera ter morrido n'aquelle dia; que ella na sua innocencia tinha jurado a verdade e que nunca tinha ouvido fallar em apparições magicas e isto causou-me tanto pesar que assim como elle m'a mandou livremente assim eu lh'a mandei outra vez para casa. Isto é toda a historia e não ha mais que dizer.

O philosopho respondeu: Querido irmão, cada um de vós se portou generosamente para os outros; tu és escudeiro, e elle é cavalleiro; que Deus no seu bemaventurado poder não empeça que um sabio pratique uma acção tão boa como qualquer de vós. Não ha duvida. Senhor, allivio-te das mil libras tão completamente como se tu tivesses sahido agora das entranhas da terra e nunca me tivesses conhecido. Não quero nada pelo meu trabalho, nem pela minha habilidade, já pagaste bastante para o meu sustento, basta, adeus, bons dias.»

Monta a cavallo e segue o seu caminho.

Senhores, agora quero fazer esta pergunta: Qual foi o mais generoso? Ora pensem.

MIGUEL JOSÉ RODRIGUES.

A FALIBILIDADE HUMANA

Envida o homem todos os esforços da intelligencia para, com o auxilio da engenharia, levantar uma torre como a Eifel de Paris, uma cúpula como a do Capitolio em Washington, ou um zimborio arrojado e alteroso como o de S. Pedro em Roma.

Ergue cidades immensas, povoadas de edificios e monumentos assoberbantes, em colunas majestosas, estátuas, largos, praças, jardins, avenidas, docas marginaes, diques, pontes, tudo, emfim, que, formando um conjunto belo e aparatoso, enche os moradores de conforto e comodidade.

E envaidece-se do seu poder e da grandeza das suas faculdades. Ostenta, arrogante, a solidez das suas construções que zombam dos seculos, que resistem ás intemperies, que provocam a fúria das trovoadas pela profusão dos pára-raios espetados no pincaro dos torreões. E desafia o Deus dos antepassados, crente de que o substituiu em poder e majestade.

Um telegrama, porém, basta a levar a todos os recantos do mundo a desconsoladora noticia de que um pequeno espreguiçar da Terra, um simples escarro vulcânico da mãe comum derrubou em poucos minutos o que levara alguns seculos a construir.

Um pequeno safanão foi o suficiente para desmoronar os cáes, destruir as docas, derrubar os monumentos, aluir os palacios, descarrilar os comboios, subverter os pavimentos de transito, reduzir, emfim, a montes disformes de pedregulho e cinzas, o que pouco antes eram cidades sumptuosas, chamassem-se ellas S. Francisco da California ou Saint Pierre da Martinica.

E a humanidade, que se ria do atrazo dos velhos romanos por não terem sabido proteger Herculaneum e Pompeia contra as iras do raivoso Vesúvio, viram sucumbir ás mesmas forças, perante as quaes a força do homem só atesta fraqueza, cidades valiosas, em cuja construção colaboraram as sciencias tidas por mais exactas, a mecânica e a engenharia!

Um telegrama, diz-se, informa num só dia o mundo inteiro sobre a estensão das maiores catástrofes.

Uma locomotiva arrasta a longas distancias, atravez dos continentes, centenares de toneladas de carga e passageiros, realisando em horas o trabalho de transporte, que, antes do grandioso invento, levaria annos.

Larga o Espresso numa velocidade impetuosa de cincoenta a sessenta kilómetros por hora, arrastando comsigo uma cauda de carruagens confortaveis, onde homens, mulheres e creanças quasi entontecem com o espetáculo maravilhoso que se lhes depara. Casas, ruas e praças, campos, prados, arvoredo e cearas, tudo parece ir fugindo, como se se arreceassem do Leviathan de fogo que passa.

Ainda assim, isto que parece representar a última palavra da velocidade, mais recorda um carro de bois ronceiros, se considerarmos que, ao chegar a cada estação de paragem, já o telégrafo lá tinha dado a noticia de partida da estação anterior.

Sáe um paquete em direção á America, onde aportará dahi a uma quinzena, e no porto do destino sabe-se da partida na hora mesmo em que elle de cá partiu. E ainda antes de lá chegar, muito antes de largar ferro, já em Lisboa se sabe que elle foi avistado e que teve boa viagem, porque do paquete se falou para terra pela telegrafia sem fios, da America se falou para Lisboa pelo cabo submarino, e d'este para todas as estações pelo telégrafo terrestre.

Por tudo isto quer a vaidade humana que os nomes de Volta, Morse, Edison, Marconi e outros andem escritos em letras de oiro nos annaes das Academias. Não descuram que os seus bustos ornamentem alguns logares públicos, como de homens superiores que disputaram á natureza as suas forças prodigiosas e sahiram vencedores da luta, qual Prometeu que ao ceo arrebatou o fogo divino.

Na miséria do seu orgulho, só lhes escapou que o vapor que atravessa os oceanos, a locomotiva que cruza as terras e a telegrafia que percorre os ares, são tristes aproveitamentos das grandes energias cósmicas que animam toda a materia, que fazem e desfazem mundos, que podem em menos de um instante, conforme a inteligencia humana o comprehende, reduzir o Universo a um cahos, similhante áquelle que a fantasia dos autores biblicos imaginou.

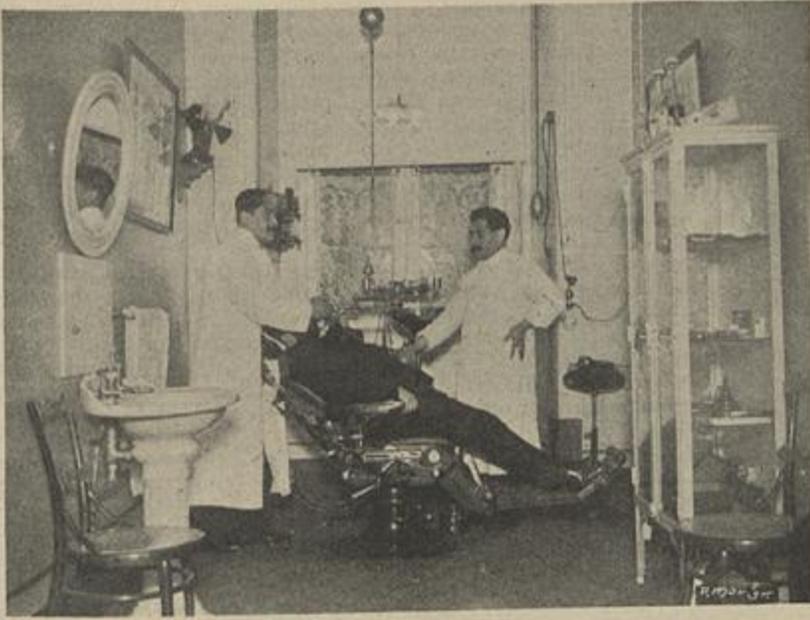
Inspira-se o homem no exemplo das elevadas temperaturas que em toda a natureza se lhe de-

A Sagração de Dois Bispos

D. ANTONIO ALVES FERREIRA
BISPO DE MARTINOPOLES, COADJUTOR DO BISPO DE VIZEU

D. SEBASTIÃO LEITE DE VASCONCELLOS
BISPO DE BEJA

PRISÃO DE UM MENDIGO
BAIXO RELEVO POR JOSÉ DE OLIVEIRA FERREIRA, PROVA DO ULTIMO CONCURSO NA ESCOLA DE BELLAS ARTES DO PORTO

Consultorio Odontologico Modelo

SALA DE OPERAÇÕES

RAUL TEIXEIRA COELHO

GOMES DA COSTA

LABORATORIO E GABINETE DE PROSTHESE

SALA DE CONSULTAS
(Cliches Alberto Lima, objectiva Gaerz)

param, e inventa novos aparelhos com que, auxiliado por todo o cortejo das grandes invenções da sciencia, manipula os corpos quimicos, funde-os e transforma-os. E proclama a sua grandeza, porque conseguiu derreter prata e oiro, estrahir ferro ou produzir gaz, com uns quasi microscópicos cadinhos de vinte a vinte e cinco metros de altura e capacidade não superior a mil metros cúbicos, a que pomposamente chamá «altos fórnos».

No empenho de vencer a natureza de que elle proprio é minúscula particula, estuda as condições do seu portentoso aparelho, escolhe o material, superintende-lhe á construção, desce aos minimos pormenores.

E com efeito a obra pronta acha-se á prova de todas as esperiencias, atinge temperaturas surprehendentes, capazes de tudo fundirem, menos aquillo que não fundem, como o granito, que, afinal jorra liquido das entranhas da terra pela boca dos vulcões, por cujas encostas abaixo escorre como se fôra agua do rio!

Seria infinito o numero de exemplos mais ou menos interessantes, mais ou menos formidaveis, para demonstrar que a sciencia, por mais desenvolvida que se encontre, nunca poderá chegar á ultima espressão da realidade e do progresso, o que tanto vale como asseverar que o vocábulo «progresso» tem um sentimento convencional, limitado pela quantidade de conhecimentos do ser humano na época em que floresce, escreve ou pensa.

Esta asserção verifica-se perfeitamente, ponderando que em todos os ramos da sabedoria humana foram considerados realidade do progresso, factos, leis e teoremas, que posteriormente se demonstraram indemonstraveis.

Assim, por exemplo, durante muito tempo o fenómeno da combustão esplicou-se por um suposto fluido a que se deu um nome de radical grego, «flogistico», para maior imponencia da peregrina teoria. Todos os corpos eram mais ou menos combustiveis, segundo a maior ou menor quantidade de «phlogistico» que continham, escrito com «ph» para se tornar mais digno de fé.

Os residuos da combustão continham, apenas, matéria cujo flogistico se tinha volatilisado, o que punha a arder os corpos e tambem o cérebro dos sabios.

E tudo isto foi progresso e foi sciencia pura, emquanto não se descobriu a existencia do oxigénio disseminado por toda a natureza.

A lenda do éter a envolver os corpos e esplicar a transmissão da luz e do calor, constituindo no momento em que escrevo uma grande acquisição da sciencia que immortalisou Young e Fresnel, os autores do maravilhoso elixir, acha-se tambem já ameaçada de ostracismo.

Com efeito, comprehendida a transmissão do som por ondas dentro de um meio que todos conhecemos, cumpria esplicar a transmissão da luz e do calór solar atravez dos espaços, cuja natureza nos é desconhecida.

Inventou-se o «éter» e foram-se lhe atribuindo por ficção todas as qualidades e propriedades necessarias para esplicar os fenómenos ainda não esplicados.

Como o conjéturado «éter» não se vê, nem se sente, nem se peza, chamou-se-lhe subtil, invisivel, impalpavel e imponderavel, mas capaz de se agitar em ondas e portanto capaz de transmitir a luz e o calor. D'aqui a conclusão de que elle tem realidade, por satisfazer ás necessarias condições que fantasticamente lhe atribuimos.

E nesta fase os progressos da sciencia seriam mesmo invejaveis, se não fôra a já posterior descoberta dos raios catódicos, dos raios α e β do radio, á descoberta do próprio rádio, a dos raios N, e outras irradiações a contrariarem os principios dogmaticamente apostolisados.

. . . .

LADISLAU BATALHA

Trecho inédito do seu novo livro *O Negativismo, Viagem aventurosa nas regiões do Ideal*, destinado a um muito notavel exito.

FARRAPOS

POR

Alberto Dias Guimarães

Antes de expôr com sinceridade a minha opinião sobre o trabalho do sr. Guimarães, permittame o leitor benévolo, que eu deixe exarada, a minha incompetencia de critico em assumptos bibliographicos ou artisticos. Poderei expôr, com mais ou menos brilho, a minha opinião individual, a minha sensação causada pela sua leitura, mas tudo isso, não passa d'um embate ligeiro ou forte que ella imprime sobre a minha sensibilidade. Não vejam os espiritos lucidos ou tacânhos, uma obra de critica nestas simples linhas, escriptas ao correr da pena, não, isso é para os mestres, para os bibliophilos, que sabem synthetizar e medir com a devida clareza, as producções intellectuaes, e eu, que não aspiro a academico, muito menos .. a critico.

Farrapos, são os artigos publicados no *Commercio*, de *Ponte de Lima* e que o seu auctor reuniu formando um bello volume. *Farrapos*, são na verdade os trapos rotos, os andrajos asquerosos, mas esse titulo, não está adquado, pôsto que, nas suas paginas ha valor artistico e litterario, com os traços fortes d'um estylista vigoroso; e, já, porque a edição é um luxo, é um mimo, tanto na parte de impressão, como na parte artistica, onde brilham com fulgor os desenhos dos revelados artistas Augusto Ribeiro da Silva, Manuel Arriaga Nunes, Munuel de Matos Lopes e José Luiz da Silva.

Verdade seja que a modestia circunda o auctor de tal fórma, que prefere a obscuridade á ostentação tola; a vida sã, aos empertigamentos do nephillibatismo, e d'ahi, a esplicação do titulo. Por isso, elle se apaixona pelo real, pelo que a natureza produz, com uma simplicidade artistica, deixando vêr toda essa vida campesina, todas essas veigas amorosas, essas campinas e valles de sonhos e de venturas que lhes faz brotar da Alma uma saudade intensa que bem se denotam no «Excerpto» e «Em digressão».

O escriptor de hoje — fallo na generalidade — não vive das lettras, pretende viver d'ellas, e d'ahi, a sua falta de arte, a sua falta de exposição ao descrever um quadro da vida, e a sua inépcia, em assumptos que mereçam estudo ponderado. E' longo o numero dos auctores que assim procedem e procederam, temos pujantes talentos ao serviço da tradução, temos revelados artistas a venderem as suas producções por necessidade; e d'ahi, o pouco cuidado no trabalho, na revisão, a falta absoluta de tempo e o alinhamento de phrases nos *linguados*, para não morrer de fome no dia seguinte. O auctor dos *Farrapos* não é um profissional, os seus trabalhos, são por que o seu muito amôr pela Arte, assim lh'o pede, é um amador cultivando com esmero a phrase rude e tosca, cinzelando-a com o seu robusto talento, para que ella se destaque e scintille como um raio de ouro, ou um trabalho fino de paciencia asiatica. As producções do sr. Alberto Guimarães, não correm no mercado por mira ao mercantilismo, não, elle não vive no meio, e não desejando entrar na liça dos odios e das vaidades, imprime os seus livros, e faz d'elles edições particulares, que muito honrariam a bibliographia portugueza e que passam das suas mãos, a mãos amigas, por amaveis dedicatorias. Por tanto, o auctor não deseja encomios, nem faz d'isso uma profissão, um negocio, é só, e simplesmente por *dilletantismo*.

Abrindo o livro ao acaso, deparase-nos um personagem, que olha, que perscruta e analysa, que não lhes esquece os pequeninos nadas que formam invariavalmente uma licção, um farrapo, um thema, é o seu auctor, trazendo-nos um quadro simples, tirado do naturalismo da vida; por exemplo: n'aquelle periodo em que nos descreve os tapetes, os bronzes, as louças de Limoges e a obra de talha d'esse museu que foi o leilão Arroyo, em que faz surgir a figura selvatica d'um pedante, que arremata um camapheu por mais vinte mil réis, só pelo prazer e vaidade de arrematar, e, á sahida, nega com arrogancia, o óbulo da caridade, uma diminuta moeda de cobre a um velho que tremulo lhe estende a mão á porta do palacete. São paginas de verdade, do real da vida em que o auctor nos faz sentir esse dom penoso que o nosso temperamento tanto expande de christão, e que afinal só se é na palavra. A seguir, apparecem-nos paginas inolvidaveis, como aquelle conto *O fim d'um misero*, ém que a nossa alma vê ás portas da morte, um crente, um bom, enlameado pela *honra* d'uma rameira, que sem coração, lhe envenena o peito de homem são, e que ainda ao deitar a ultima golfada de sangue para morrer, os seus labios se movem, não para uma oração de piedade, uma maldição, mas... para perdoar á mulher que lhe causa a morte — a amante. São paginas d'um realismo brilhante, em que se vê a vida dos personagens, como se elles tivessem passado pela terra asperrima de Deus!

Ha momentos que riso lhe assoma aos labios, e a *verve*, o reveste d'uma alma juvenil de vinte primaveras, e elle, por devaneio, com uma graça espirituosa descreve-nos aquellas paginas risonhas do brasileiro *caipora* que nada aprecia, e que, quer que tudo se curve aos seus pés e ao seu ouro, ganho com negocios de seccos e molhados *di lá*.

E' uma ironia delicada, que realça com um valor incontestavel de jocosidade.

Aonde o sr. Alberto Dias Guimarães se revela melhor é como admirador da Arte; a pintura e a esculptura merecem-lhe todo o seu amor, todo o seu sonho, o livro afóra o que deixo escripto é um repositorio sobre arte, em que elle nos descreve em admiraveis linhas, a evolução por que a Arte tem atravessado em Portugal, expondo-a com empolgancia propria d'um atilado artista que conhece os padrões das nossas glorias na pedra, na pintura, na obra de talha, nas rendas, nos azulejos, nas tapecerias e na filigrana. Assim, que vêmos a cada passo citado os nomes dos mestres, Grão Vasco, Sequeira, até Malhoa, Salgado e Augusto Ribeiro, e ainda os genios de Soares dos Reis e Teixeira Lopes. E seguindo por ahi fóra, elle nos aponta a obra de talha, e de pedra, nesses museus postos ao abandono pelos nossos governos, e que muitas vezes só o bom cuidado d'um bom abbade, ampara.

ALBERTO DIAS GUIMARÃES
Gravura do livro «Farrapos»

Por esse Norte fóra, estão espalhadas uma infinidade de joias, como as sentinellas d'um exercito aguerrido, e ellas são: a Sé de Coimbra, a Batalha, o Convento de Christo, a Cathedral de Elvas, a Ermida de S. Braz de Evora, até o collosso de Mafra, e os Jeronymos de Lisboa, a Torre de Belem e o Castello da Pena, que domina do alto da serra a frondosa vegetação do paraizo portuguê que se chama Cintra.

Tudo está descriminado com amor proprio d'artista, e é por isso mesmo, que pelo decorrer da sua leitura, contempla-se a magua em que o abandono da arte em Portugal está; tudo isso lhe confrange o coração e lhe dilacera a sua sensibilidade artistica, mas, a *politiquice* é superior á Arte, d'ahi, o desleixo, a indifferença e o abandono em que floresce o nome portuguez.

. . . .

E rematando, direi apenas que é para lastimar que o meio litterario, seja um antro pedante e invejoso e não deixe brilhar quem tem talento, desviando assim d'escrever para o publico aquelles que o deviam fazer e que só se tornam queri-

dos e apreciados, d'aquelles que tiveram o prazer de haver um exemplar.

Que o auctor dos *Farrapos* me perdoe este desataviado de frases e o meu arrojo assignando um infimo «rabisco» sobre tamanha obra.

VENTURA S. ABRANTES.

A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

CAPITULO XIII

(Continuado do n.º 1049)

A entrega fez-se em 8 de maio desse anno. D'então para cá o museu tem sido enriquecido e augmentado de um modo notavel, já com aquisições feitas pelo estado, já com donativos de particulares.

Logo, em 1863, foi elle brindado com uma bella coleção de varios exemplares de historia natural, que vieram da India portuguêsa, coligidos e preparados por ordem do ministerio da marinha, pelo benemerito boticário indiano Gomes Roberto.

El-rei D. Pedro V dispensou ao museu desvelada proteção (1). Seu irmão el-rei D. Luis contribuiu para seu engrandecimento com uma valiosa coleção de moluscos e conchas, e El-rei D. Carlos, mais de uma vez, o brindou com interessantes exemplares colhidos nas suas pesquizas oceanográficas.

Diversas providencias tem sido dadas pelo governo no sentido de abastecer o museu.

Nos annos de 1848 e 1850, por exemplo, foram expedidas ordens para as provincias ultramarinas, afim de serem enviados para a metrópole varios exemplares indigenas, taes como conchas, fosseis, moluscos, etc.; e em 1861, por carta de lei de 19 de setembro, foi autorisado o governo a dispender mais dois contos de réis sobre a verba destinada para a sustentação do museu.

As coleções de zoologia, que ainda permaneciam na Ajuda, foram tambem transferidas, em 1867, para o novo edificio da Escola.

Antes de sair do assumpto, uma palavra ainda. Na *Gazeta de Lisboa* de 1788 (13 de maio) vem inserto o seguinte annuncio:

«Na casa de pasto ingleza a Buenos Aires se «acha presentemente a mais completa coleção de «objetos de mineralogia que se possa desejar.

«Toda a pessoa dada ao estudo de Historia «Natural ahi a poderá ver, de hoje até 24 do corrente, desde as 9 da manhã até á 1 da tarde».

Adquiriria o Estado a coleção anunciada e tornar-se-ia ella um dos nucleos principaes do museu da Ajuda? Ficaria por vender?

Não achei papel ou noticia que satisfizesse a estas perguntas.

Dito isto, passemos adiante.

*

Devido aos esforços do lente de fisica Guilherme Pegado, foi inaugurado o observatorio meteorologico Infante D. Luis, em 24 de outubro de 1863, desde a sua origem, como vimos, annexo á Escola. A instalação foi mais do que modesta. Não abundavam os recursos monetários para aquisição de material scientifico e assim pobremente viveu á custa de muito zelo, bôa vontade e energia do seu instituidor.

D. Luis logo ao principio do seu reinado tomára sob a sua proteção o observatorio a quem tinha dado o nome, sendo ainda infante, cedendo os meios necessarios para se construir o edificio que hoje vemos. (2)

Já em 1856 as observações ali feitas mereciam a atenção da Academia de Sciencias de Paris e honrosa referencia em jornaes nacionaes e estrangeiros.

Ao acto de inauguração desta nova dependencia da Escola, assistiu el-rei que visitou detidamente o museu, examinando os instrumentos de precisão e mostrando-se interessadissimo por tudo. Dias depois o mesmo soberano (em 30 de outubro), ordenou que da sua dotação se deduzisse a quantia de 42 contos de réis, nos annos de 1864 e 1865, dos quaes seis se aplicariam aos melhoramentos do observatorio. (1)

Este espontaneo acto de generosidade, escusado é dizer-se, foi aplaudidissimo. Excelente e bem intencionado rei foi D. Luis!

Por carta de lei de 16 de junho de 1881 foi o governo autorisado a contrair um emprestimo de quinze contos com o Banco de Portugal, hipotecando alguns bens da Escola para a aquisição de maquinas, livros, mobilia e aparelhos scientificos, que fossem precisos mais urgentemente, quantia esta que tambem veio beneficiar o observatorio astronómico fundado poucos annos antes pelo falecido lente, estadista e economista Mariano Cyrillo de Carvalho

*

Este estabelecimento scientifico é um dos mais bem montados que possuimos.

Do edificio construido em dois planos diferentes e sobrepostos goza-se uma esplendida vista da cidade. Tem uma bôa biblioteca de mil volumes, de obras só referentes a astronomia, algumas raras e de subido valor.

A carta de lei de 16 de maio de 1878 autorisou o governo a contratar, com o Banco, o emprestimo de 36 contos destinados á conclusão do edificio e aquisição de aparelhos de astronomia. Depois disto foi tambem o observatorio brindado com a dadiva de quatro contos e quinhentos mil réis, pelo benemerito cidadão brazileiro Barão de Itacolumi.

Na aula de astronomia, bom e curioso é notar, existem dois quartos de circulo, provenientes do antigo observatorio do colégio dos nobres, um teodolito construido em Londres pelo artista portuguêz Marques Loureiro, um circulo repetidor, o primeiro que houve em Portugal, e um planetário construido no Arsenal do Exercito sob a direção do famoso padre Theodoro d'Almeida.

Um artigo publicado nesta mesma revista, em 1882, descreve minuciosamente este observatorio. O leitor curioso lá achará o que a indole deste trabalho não permite estudar.

*

O jardim botanico da Politechnica, que se destaca entre os demais da cidade pelo seu cunho especial, pela formosura da arborisação e pelas interessantes especies que contem, deve se á iniciativa e ao zelo de dois já falecidos professores da Escola, João de Andrade Corvo e Conde de Ficalho

Em 1873 ainda, toda aquella extensão de terreno, tão frequentada e admirada dos estrangeiros, estava ainda inculta e bravia e ninguem diria que em tão curto prazo se havia de fazer similhante transformação.

Foi em dezembro desse anno que Andrade Corvo no discurso inaugural da abertura das aulas e soléne distribuição dos premios, reclamou, como uma necessidade impreterivel e como complemento do ensino de botanica, a existencia de um jardim, junto á Escola não só como utilidade scientifica como tambem para ornamento da capital.

Atendida a reclamação, com uma presteza a que estamos pouco habituados, deram-se principio aos trabalhos.

Parece que acudiu a mão de Deus a proteger a ideia do erudito homem de lettras pois que a transferencia do jardim da Ajuda, para a cêrca da Escola, coincidiu com estar regendo a cadeira de botanica — o Conde de Ficalho, cuja competencia foi sobeja e ilustradamente provada nas anotações ao valioso livro de Garcia da Horta.

A tarefa que parecia dificilima, facil foi; o proficiente saber de Ficalho coadjuvado pelo habil jardineiro da Ajuda, Antonio Ricardo da Cunha, de cuja dedicação dá honroso testemunho o proprio Conde, conseguiu tornar num horto botanico modelo aquelles chãos incultos que desciam a encosta até o Salitre e Passeio Publico.

Quatro annos depois de iniciada a obra já se achavam florescendo mais de dez mil plantas.

O primeiro jardineiro foi um alemão Edmond Goeze. A este seguiu-se um francês Julio Daveau.

Foi durante a direcção deste que se assentou a estufa grande do jardim que fica ao nivel do edificio (a qual foi contratada por 18 contos em Inglaterra) e se iniciaram as mais importantes plantações, despezas estas que, em parte, foram custeadas pelo donativo de 9 contos feito pelo barão de Almeida Santos.

Os hortos que mais contribuiram para o novo jardim foram o da Ajuda, o das Plantas de Paris, o da Duqueza de Palmella, o do Choupal e o do Dr. José do Canto, da ilha de S. Miguel. A maioria dos exemplares vieram da Ajuda.

(Continúa.)

G. DE MATOS SEQUEIRA.

(1) O visconde de Vilar Maior, director da escola no discurso da abertura das aulas em 24-10-1863, referiu-se com aplauso ao generoso e régio donativo.

(2) Foi por decreto de 1-7-1856 que se conferiu ao observatorio o nome do infante.

(1) Os restantes 36 contos foram aplicados da seguinte forma: 24 para ajuda da acquisição de armamento e 12 para o thesoiro publico.

Elementos de Historia da Arte — Bibliotheca de Instrucção Profissional — Vol. II — Arte Mediéval

O consciencioso e distinto professor da Escola Industrial de Alcantara, João Ribeiro Christino da Silva, de quem ha pouco publicamos o retrato por ocasião de sair a lume o primeiro volume e primeira parte desta obra interessante, acaba de dar á estampa o segundo volume e segunda parte da mesma obra, proseguindo na orientação a que submeteu o seu trabalho *Arte Antiga* e anunciando já o terceiro volume em que exporá o periodo da Renascença.

Mais uma vez o felicitamos pela precisão modelar de que usa no assunto versado, com que a um tempo instrue e deleita os leitores desejosos de saber.

Les C lonies Portugaises — *Etudes documentaires — Produits d'exportation)* — A. de Almada Negreiros — *Paris — Augustin Challamel, editeur — Librairie Maritime et Coloniale.*

Num belo volume de 368 pajinas acompanhadas de estampas elucidativas e precedidas dum prefacio firmado por Jean Allégre, acaba o nosso dedicado compatriota Negreiros de prestar de novo ao seu paiz o inapreciavel serviço de pôr em evidencia perante o mundo culto o valor e condições das nossas colonias, sobre as quaes na hora presente estão fixados muitos olhares. Bem haja o autor.

Liga Nacional contra a tuberculose — *Problemas de hygiene — Falsificações alimentares* por Cardoso Pereira — Famalicão — Typ. Minerva de Gaspar Pinto de Sousa & Irmão.

E' a conferencia realisada em janeiro de 1904 nas salas da Academia dos Estudos Livres, tendo sido o autor convidado para esse effeito pela Liga contra a tuberculose.

Acha se impressa num folheto de 133 pajinas e mais documentada do que quando o erudito conferente a recitou. Haveria muito a ganhar se todos os habitantes do paiz a pudessem ler.

Lyra d'um Novo — *Com uma carta aberta de Simões de Castro, distincto publicista* — Nuno de Mello — Editor, José M. Miranda Veiga — Penafiel.

Apresenta pela primeira vez ao publico, impressa em volume, o autor, a sua obra poetica, e pelo modo porque o faz, despretencioso e modesto, cativa e prende os leitores, como quem traça estas linhas, que o não conhece.

Contém o dito volume versos de mais dum genero, ainda longe da perfeição conjugada entre o sentimento puro e a estética da Arte, mas revelando, sem embargo, capacidade propria e inspiração poetica.

Vamos deixar inserto aqui, o testemunho se guinte, denominado

O OPERARIO

«Seis horas da manhã. O operario
«Entra para a officina sorridente
«E começa o trabalho.

«Emquanto que no leito, o millionario,
«Descansa entre lençoes, tranquillamente
«Dormindo ao som do malho.»

Manual do Estudante de Allemão — E' um folheto de 86 pajinas de texto, disposto de maneira a tornar mais facil o estudo da lingua allemã, para nós tão necessario neste periodo historico de expansibilidade colonial germanica, em contacto com as nossas possessões de Africa.

Cultura e Panificação do Trigo — O autôr, J. E. Carvalho d'Almeida, agronomo, dedica o volume assim intitulado a sua mulher, e, con-

segue, em 207 pajinas de formato pequeno, dizer tudo o que é preciso para habilitar o leitor a tirar todo o proveito pratico da sua leitura utilissima.

Memorias d'um policia amador — *Aventuras de Sherlock Holmes*—A. Conan Doyle — Versão de Manuel de Macedo — O volume deste titulo compre ende 186 pajinas de leitura, ilustrada pela presença de estampas, correspondentes aos seis casos que definem o texto.

São estes, os referidos casos por sua ordem:

— O diadema de berylos.
— O celibatario aristocrata.
— A faixa sarapintada.
— As cinco pevides de laranja.
— Um caso de identidade.
— As Faias Rubras.

Quanto á traducção, é escrupulosa e esmerada como trabalho de tão autorisado tradutor, qual o infatigavel Manuel de Macedo.

NECROLOGIA

Emilia Candida

EMILIA CANDIDA

Não podia ficar sem registo nesta secção lutuosa o desaparecimento da cena da vida de quem na cena do teatro português ocupou logar eminente, enchendo-o de gloria e glorificando se com tanto brilho que, primeiro se lhe apagou a luz da vida do que se extingue sua fama.

Emilia Candida foi a actriz querida, que durante sessenta annos enlevou as plateias de nossos teatros com as belezas de seu fisico e as creações que fez, num vasto repertorio de peças, em tempos que no teatro português houve artistas de talento como os inolvidaveis José Carlos dos Santos, Antonio Pedro, Isidoro, Tasso, João Anastacio Rosa, Marcolino e tantos mais que de ha muito repousam sob os ciprestes, e como as grandes atrizes das quaes destacaremos Emilia das Neves e Emilia Letroublon que, com Emilia Candida, constituiram aquella triologia das *lindas Emilias*.

Emilia Candida era hoje a decana das atrizes portuguêsas com os seus 87 annos de idade, pois nascera em 1823. Principiando sua carreira artistica como bailarina, o que aconteceu a muitas outras atrizes do seu tempo, teve sua estreia como artista dramatica num teatro de Beja, na peça *O sineiro de S. Paulo*. Em Lisboa proseguiu sua carreira no teatro do Gimnasio com o drama *Fernando ou o juramento*, de Braz Martins.

E' vastissimo o repertorio de peças a que Emilia Candida deu o brilho da sua graça inimitavel. Da primeira epoca que passou no Gimnasio citaremos as seguintes:

Velhice Namorada, Duas bengalas, Amor londrino, Os medicos, Tia Maria, Nem Cesar nem João Fernandes, Campanologos portuguêses, Probidade, Trabalho e honra; Projetos de minha tia, Autografo, Cosinha, casa de jantar e sala, Tia Anna de Viana, Nossas alliadas, Quatro alminhas do Senhor, Ensaio da Norma, Uma mulher que se deita da janela abaixo, Juiz eleito, Meia de Saloio, Zé Canaia, Os lanceiros, Emilia Travessa, Prodigos economicos, Os misterios sociaes, Maridos de 50 annos, etc.

Da sua segunda epoca, ou seja a que passou no teatro de D. Maria, citaremos as seguintes peças, que foram outras tantas corôas para a eminente comica:

Mantilha de renda, Abbade Constantino, D. Cesar de Basan, Guerra em tempo de paz, Casamento d'Olympia, Sociedade onde a gente se aborrece, Bibliothecario, Madrugada, Os Velhos, Fim de Sodoma, Segredo de Confissão, Solteirões, Mosca Branca, Claudia, Fernanda, Antony, Tartufo, Rogerio Laroque. Força da consciencia, Sobrinha do marquez, Odette, Mulheres de marmore, Helena, Sarah, O luxo, etc.

A velhice e a doença, especialmente a falta de vista, tinham desde ha annos afastado do teatro a graciosa actriz; entretanto ainda ha dois annos quiz, num ultimo lampejo de vida, voltar á cena como a despedir-se de vez, e ao palco do teatro de D. Maria veiu, em noite de festa que ficou memoravel, colher os ultimos aplausos nos *Velhos*, de D. João da Camara, em que ella tinha uma de suas melhores corôas no papel da velhinha Narcisa.

Emilia Candida faleceu no dia 11 do corrente.